

“A CIÊNCIA DO COMUM”: A TRANSCENDÊNCIA DO BIOS MIDIÁTICO QUE REORDENA AS VINCULAÇÕES COTIDIANAS

“THE SCIENCE OF THE ORDINARY”: THE TRANSCENDENCE OF THE MEDIA BIOS THAT REORDERS THE EVERYDAY LINKAGES

“LA CIENCIA DE LO COMÚN”: LA TRASCENDENCIA DEL “BIOS MEDIÁTICO” QUE REORDENA LOS VÍNCULOS TODOS LOS DÍAS

Obra resenhada/reseñada: SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: Notas para o método comunicacional*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015. 328p.

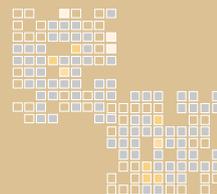
Patrícia Gonçalves Saldanha¹

1. Introdução

O livro publicado na virada para o século XXI, “Antropológica do Espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede” inicia uma proposta teórica que posiciona a comunicação como a ciência da atualidade. Não se trata de um pensamento isolado, mas da construção de um raciocínio que se concretiza em quatro obras. De forma contínua, o debate se dá nas três edições subsequentes: “Estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política” (2006), que aponta para a dinâmica de apropriação do sensível pela razão; atravessando a publicação do “Reinventando a Educação – Diversidade, Descolonização e Redes” (2012), que indica a relevância da *héxis* educativa como alternativa sólida para a percepção das brechas existentes, mas não, necessariamente, aparentes no sistema; e, finalmente, a argumentação culmina no “Ciência do Comum: notas para o método comunicacional”, onde Muniz Sodré elabora uma proposta epistemológica para o campo da comunicação.

O denso percurso teórico, que perpassa as obras, demonstra como a qualificação virtualizante determinada pelos interesses do mercado se infiltrou e tomou conta

¹ Doutora e Pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Trabalhos: “A inatingível meta do intangível e as consequências sociais: do *The True Cost* à Moda Livre” (2016), “Publicidade Comunitária em São Tomé e Príncipe: estratégia e ferramenta de inclusão a partir da apropriação da comunidade” (2015). E-mail: patsaldanhappgmc@gmail.com.



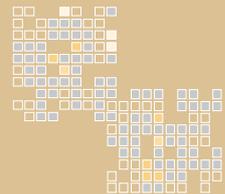
de todas as esferas da vida, modificando, de forma instantânea, os hábitos cotidianos que organizavam os costumes. A perspectiva totalizante do capitalismo suprimiu o espaço pelo tempo, pela via da nova ordem tecnológica e passou a configurar e a legitimar as experiências que deveriam ser validadas e permitidas ao cidadão comum. Seguindo a lógica da sociedade globalizada, a midiatização passou a gerir sentimentos, emoções e afetos e, conseqüentemente, a comunicação assumiu papel estratégico, uma vez que é capaz de produzir riquezas materiais e imateriais, que são substanciais para a manutenção do vigor das relações humanas.

Torna-se premente, portanto, compreender como a estrutura do campo se constituiu. E esse é o empenho de Sodré que historiciza o movimento das ciências sociais, ainda dominada pela sociologia, além de dar devido destaque institucional à comunicação, ao longo de toda jornada teórica, desde meados do século XX até hoje.

No primeiro capítulo, intitulado “Uma ciência pós-disciplinar”, já se reconhece que a existência de níveis operacionais que resultam em diversidades temáticas enriquecedoras para o campo, que serão, contudo, retomados no final da obra: o vincutivo, o relacional e o crítico-cognitivo. Todavia, o autor se posiciona criticamente no referente à falta de conexão interna entre os níveis, que gera uma dispersão cognitiva, que reforça, por sua vez, o aspecto relacional e mecanicista, limitando o entendimento da comunicação ao eixo técnico, próprio do paradigma funcionalista norte-americano.

É possível perceber nas análises contemporâneas, por exemplo, que há uma multiplicidade de estudos, cujo conteúdo reforça a percepção da área sob o olhar reducionista da dinâmica organizacional e empresarial. O reforço do olhar técnico de âmbito relacional, enfraquece as possibilidades do reconhecimento Institucional, pelas áreas limítrofes, aumentando sua fragilidade frente à supremacia da sociologia e, por fim, impactando na restrição de bolsas e financiamentos necessários para o desenvolvimento da prática de acadêmica qualificada.

Desta forma, Sodré procura compreender como o campo tem tratado seus alicerces: a questão do objeto, seus fundamentos teóricos e a base metodológica. E para tanto, discorre sobre os estudos da comunicação, retomando as referências da escola sociológica clássica (a exemplo do estruturalismo), passando pelo paradigma informacional e sugerindo uma construção epistemológica que inclui, na contenda, a vertente comunicacional. Trata-se de suprir uma lacuna deixada em aberto tanto pelos paradigmas da sociologia, da antropologia e da semiologia, como pela corrente técnica norte-americana do “*Mass Communication Research*”. Em se tratando dos estudos norte-americanos, no avançar do livro, percebe-se uma aproximação do conceito de interacionismo simbólico que se perfila à ideia de vinculação. Entretanto, é sob a ótica do



paradigma dos efeitos, característicos da produção midiática que as pesquisas têm sido realizadas.

Um dos tópicos centrais da discussão do livro diz respeito à sobreposição da midiáticação às mediações socioculturais. Enquanto à mediação se refere à “ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes” (Sodré, 2002, p.21), a midiáticação é “uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional” (Idem). Ou seja, toda vez que se media, pressupõe-se que tem alguém intercalando com o usuário final, mas em se tratando de midiáticação, sugere-se que há uma interpelação direta da mídia. Atualmente, a mediação está na ordem dos espaços tradicionais que, tem sido diretamente midiaticizados, logo, tem sido, em parte, absorvidos e adequados às imposições mercadológicas. De uma forma simplificada,

na mediação uma imagem e algo que se interpõe entre o indivíduo e o mundo para construir o conhecimento; na midiáticação, desaparece a ontologia substancialista dessa correlação, e o indivíduo (ou o mundo) é descrito, ele próprio como uma imagem gerida por um código tecnológico (Sodré, p.108).

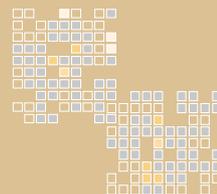
A midiáticação é um processo estratégico para o espraiamento da ideologia financeira neoliberal através da reorganização política do mundo e da reordenação das consciências. E este é assunto da comunicação, apesar de não encerrar seu “problema epistemológico” (Sodré, p.109).

Na segunda parte, nomeado de “A inteligibilidade redescritiva”, que Sodré valida a midiáticação, enquanto ambiência que rearticula os sentidos, como protagonista do “sistema de inteligibilidade”. A esta ambiência dá-se o nome de “bios midiático”, ou seja, uma forma de vida paralela, que se consolida na construção do comum a ser propagado.

O bios midiático não é o meio de comunicação propriamente, mas uma forma de vida extrapola o meio e ganha vida própria no espaço social, ou seja, a mídia que remodela valores de forma cada vez mais rápida. Nesse sentido, a velocidade da circulação do tempo passa ser crucial para diferenciar a ciência da comunicação, das ciências sociais clássicas, já que a temporalidade do fato social é divergente da “‘transtemporalidade’ que caracteriza a midiáticação” (Sodré, p.115).

Outra característica que também muda em relação às Ciências Sociais é a diversidade e a celeridade com que as imagens se multiplicam, endossando a veracidade do “comum” que deve ser apreendido na contemporaneidade.

O que muda na sociedade contemporânea é a profunda afetação da experiência do atual pela acessibilidade imediata das novas tecnologias da comunicação, que acaba



transformando a “ferramenta” (o dispositivo técnico) numa espécie de morada permanente da consciência. O tempo da existência se inscreve na causalidade maquinal da eletrônica. Assim, a temporalidade se acelera, criando efeitos de simultaneidade e sensações de imediatismo dos acontecimentos. O efeito SIG (simultaneidade, instantaneidade e globalidade) já está definitivamente inscrito na temporalidade cotidiana abolindo todas as distâncias espaciais pela prevalência do tempo (Sodré, p.115).

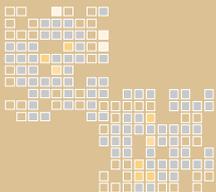
A aproximação do humano com a máquina tem impulsionado a instalação da tecnociência no cotidiano, na medida em que gera relações e produções que dinamizam a realidade social, compostas por uma variedade de elementos. Em função da pluralidade de objetos e produções advindas de suas articulações, o autor se refere ao campo de estudos comunicacionais como um “sistema de inteligibilidade” equiparado à “hermenêutica da existência”, que tem consistido:

a) no empenho por uma redescrição das relações entre o homem e as neotecnologias, que seja capaz de levar em conta as transformações da consciência e do self sob o influxo de uma nova ordem cultural, a simulativa; (b) ao mesmo tempo, o empenho ético-político-antropológico no sentido de viabilizar uma compreensão das mutações socioculturais dentro de um horizonte de autoquestionamento, norteado pela afirmação da diferença essencial do homem, de sua singularidade” (Sodré, p.172).

Ao falar da hermenêutica da comunicação, há um deslocamento da lógica científica para a teoria compreensiva para retratar o sensível que se exprime na relação ordinária e rotineira de *ser-com*, o que para Heidegger significa “ter um cuidado ou uma preocupação com o outro no interior de um mundo” (Sodré, p.175), ou de uma comunidade repleta de diversidade e alteridade dos seus membros. É, por fim, na direção da diversidade que se edifica uma ciência da comunicação humana, “desde o vínculo coesivo do comum até as relações organizadas pelas tecnologias em voga que, por sua vez, dão margem a formas crescentes de ativismo coletivo com vistas à recomposição do laço simbólico que subjaz a formação social” (Sodré, p.187) de um grupo que convive num espaço.

No terceiro e último capítulo chamado de “A organização do comum” já se reconhece a comunicação como uma ciência redescritiva do comum humano. Pressupõe-se, logo de início, uma oposição entre a comunicação e a midiaticização. Enquanto a primeira efetivamente se produz no conflito, a segunda equaliza a harmonia e estabelece a homogeneização a partir da neutralização da(s) experiência(s).

Para que a comunicação aconteça, é essencial que haja: comunidade, vinculação e comum. A comunidade é o centro vivente da comunicação, o espaço simbólico onde acontece a comunicação para além do código, “algo em que sempre estamos, na medida



em que sempre nos comunicamos, no interior da distribuição dos lugares e das identificações constitutivas dos laços coesivos” (Sodré, p.209).

Tais laços são a vinculação uma vez que ocupam a extensão afetiva e dialógica de um grupo, promovendo a reciprocidade comunicacional entre seus indivíduos sem se confinar na ou se restringir à atividade midiática. Tampouco se confunde com a interação, que é proveniente da rede ou com a relação social que se mantém de forma epidérmica na ordem do mercado. Já o vínculo é abstrato na medida em que não é invisível e aparentemente intangível, mas é concreto na medida em sua existência pode ser sentida e sua imaterialidade, compartilhada. E que, por fim, consolida um Comum que mantém uma comunidade viva e resistente.

O comum é o centro evolutivo da comunicação. Ao mesmo tempo que sua elaboração tem sido presidida pelo mercado e administrado pelas corporações; o Comum também é reforçado por sua riqueza simbólica no interior da comunidade. Por isso, é o Comum que entra na disputa capitalista. Dominar o Comum por completo é dominar a Comunicação, inclusive, a brecha de escape que o próprio sistema não dá conta de controlar uma vez que explica, mas não a compreende seu processo. Logo, não é possível dominar o Comum por completo, mas é possível compreendê-lo.

Na última divisão do capítulo, Sodré detalha e atualiza o campo em três níveis de operação: o que era vinculação, se mantém na ordem vinculativa; já a veiculação, passa a ser relacional e, por fim, o que era cognição, vira crítico-cognitivo ou metacrítico.² Os três níveis têm importância equiparada, uma vez que integram uma área multidisciplinar de investigação localizada na interface do mercado (de onde emerge), das relações sociais, comunitárias e interpessoais (espaço em que é e acontece) e do aspecto crítico-cognitivo (que reflete criticamente o próprio campo).

A resenha é compacta e dá conta de alguns fragmentos da complexa proposição que Muniz Sodré traz à tona: uma proposta epistemológica para a Comunicação, que entende as dimensões humanas da contemporaneidade e o Comum como objeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SODRÉ M. *A Ciência do comum: notas sobre o método comunicacional*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ M. *Estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 2006.

Recebido: 03/10/2016

Aceito: 09/12/2016

2 A reflexão se dá em dois momentos: primeiro no “Communicatio e epistème” (2002), no *Antropológica do Espelho*, e sua revisão nos “níveis operativos” (2014), no *Ciência do Comum*.

